



SARAH J. MAAS

Número um do *New York Times*

# CORTE DE ASAS E RUÍNA

VOL. 3

Em meio à guerra, é seu coração que  
enfrentará a mais árdua das batalhas...



Galera

# Sumário

## PARTE UM

Capítulo 1

Capítulo 2

Capítulo 3

Capítulo 4

Capítulo 5

Capítulo 6

Capítulo 7

Capítulo 8

Capítulo 9

Capítulo 10

## PARTE DOIS

Capítulo 11

Capítulo 12

Capítulo 13

Capítulo 14

Capítulo 15

Capítulo 16

Capítulo 17

Capítulo 18

Capítulo 19

Capítulo 20

Capítulo 21

# CAPÍTULO 1



*Feyre*

A pintura era uma mentira.

Uma bela e alegre mentira, transbordando flores cor-de-rosa claras e espessos raios de sol.

Havia começado, no dia anterior, um estudo despreocupado do jardim de rosas que espreitava além das janelas abertas do estúdio. Em meio ao emaranhado de espinhos e folhas acetinadas, o verde mais intenso das colinas se estendia ao longe.

Primavera incessante, determinada.

Se houvesse pintado esse lampejo da corte como minha intuição ansiava, teriam sido espinhos dilaceradores de carne, flores sufocando a luz do sol para quaisquer plantas menores, e colinas íngremes manchadas de vermelho.

Mas cada pincelada na ampla tela fora calculada; cada toque e redemoinho de cores pretendia retratar não apenas a primavera idílica, mas também um estado de espírito alegre. Não feliz demais, porém satisfeita e finalmente em cura dos horrores que cuidadosamente relatei.

Supus que, nas últimas semanas, eu tivesse traçado meu comportamento tão intrincadamente quanto uma dessas pinturas. Supus que, se também tivesse escolhido me mostrar como realmente desejava, estaria adornada por garras dilaceradoras de carne e mãos que sufocavam a vida daqueles agora em minha companhia. Teria deixado os corredores emoldurados em ouro manchados de vermelho.

Mas ainda não.

Ainda não, dizia a mim mesma a cada pincelada, a cada movimento que tinha feito naquelas semanas. Vingança apressada não ajudava ninguém — ou nada — além de meu ódio fervilhante.

Mesmo que eu ouvisse os soluços de Elain conforme era forçada para dentro do caldeirão a cada vez que falava com eles. Mesmo que visse Nestha apontar aquele dedo ao rei de Hybern em uma promessa de morte sempre que eu olhava para eles. Mesmo que minhas narinas se enchessem de novo do odor acre do sangue de Cassian ao se empoçar nas pedras escuras daquele castelo de ossos sempre que lhes sentia o cheiro.

O pincel quebrou entre meus dedos.

Eu o parti ao meio, o cabo pálido estava estilhaçado, sem conserto.

Xingando baixinho, olhei para as janelas, as portas. Aquele lugar reunia olhos atentos demais para arriscar jogá-lo no lixo.

Projetei a mente ao redor, como uma rede, buscando mais alguém perto o suficiente para testemunhar, para me espionar. Não encontrei ninguém.

Estendi as mãos diante do corpo, com uma metade do pincel em cada palma.

Por um momento, me permiti ver além do encantamento que ocultava a tatuagem na mão e no antebraço direitos. As marcas de meu verdadeiro coração. Meu verdadeiro título.

Grã-Senhora da Corte Noturna.

Com um pensamento incompleto, o pincel quebrado se incendiou.

O fogo não me queimou, mesmo conforme devorava madeira e pincel e tinta.

Quando não passava de fumaça e cinzas, convidei um vento que as soprou de minhas palmas até as janelas abertas.

Por precaução, conjurei uma brisa do jardim para rodopiar pelo quarto, limpando qualquer gavinha remanescente de fumaça, preenchendo o cômodo com o cheiro almiscarado e sufocante de rosas.

Talvez quando minha tarefa aqui estiver terminada, eu bote fogo nessa mansão também. Começando pelas rosas.

Duas presenças se aproximando alertaram o fundo de minha mente, e peguei outro pincel, mergulhando-o na mistura mais próxima de tintas, e depois abaixei as armadilhas invisíveis e sombrias que erguera em torno do quarto para me alertar a respeito de qualquer visitante.

Eu trabalhava na forma como a luz do sol iluminava os delicados veios de uma pétala de rosa, tentando não pensar em como certa vez a vira fazer o mesmo com asas illyrianas, quando as portas se abriram.

Fiz uma bela atuação ao parecer perdida no trabalho, curvando os ombros levemente, inclinando a cabeça. E atuei melhor ainda ao olhar vagarosamente por cima do ombro, como se me afastar da pintura fosse um verdadeiro esforço.

Mas a batalha foi o sorriso que forcei à boca; aos olhos... os verdadeiros delatores da natureza real de um sorriso. Eu tinha praticado no espelho. Diversas e diversas vezes.

Então, meus olhos facilmente se enrugaram quando lancei um sorriso submisso, porém feliz, a Tamlin.

A Lucien.

— Desculpe interromper — disse Tamlin, observando meu rosto em busca de sinais das sombras em cujas garras me lembrava de ocasionalmente cair, aquelas que eu empunhava para mantê-lo afastado quando o sol descia além das encostas. — Mas achei que gostaria de se arrumar para a reunião.

Então me obriguei a engolir em seco. Abaixei o pincel. Não passava da garota nervosa e insegura que fora havia muito tempo.

— Você... conversou com Ianthé? Ela virá mesmo?

Não a vira ainda. A Grã-Sacerdotisa que vendera minhas irmãs para Hybern, que *nos* vendera para Hybern.

E, mesmo que os relatórios confusos e breves de Rhysand pelo laço da parceria tivessem apaziguado parte de meu pesar e meu terror... Ela era

responsável por aquilo. Pelo que acontecera semanas antes.

Foi Lucien quem respondeu, observando minha pintura, como se tivesse a prova que eu sabia que ele procurava.

— Sim. Ela... teve seus motivos. Está disposta a explicá-los a você.

Talvez explicasse também os motivos pelos quais colocava as mãos nos machos que bem quisesse, caso eles desejassem ou não. Os motivos por ter feito isso com Rhys, com Lucien.

Eu me perguntava o que Lucien realmente achava daquilo. E do fato de que a consequência da amizade de Ianthe com Hybern tivesse acabado sendo *sua* parceira. Elain.

Não havíamos falado de Elain, exceto uma vez, no dia após meu retorno.

*Apesar do que Jurian deixou implícito com relação ao modo como minhas irmãs serão tratadas por Rhysand, disse eu a ele, apesar de como é a Corte Noturna, não machucarão Elain ou Nestha dessa forma — ainda não. Rhysand tem maneiras mais criativas de feri-las.*

Lucien ainda parecia duvidar.

Por outro lado, eu também dei a entender, em meus “lapsos” de memória, que talvez não tivesse recebido a mesma criatividade ou cortesia.

O fato de terem acreditado tão facilmente, de acharem que Rhysand sequer forçaria alguém a... Acrescentei o insulto à longa lista de coisas a retribuir.

Apoiei o pincel e tirei o avental manchado de tinta, cuidadosamente dispondo-o no banquinho onde passei as duas últimas horas, curvada.

— Vou me trocar — murmurei, passando a trança frouxa sobre um dos ombros.

Tamlin assentiu, monitorando cada movimento meu conforme me aproximava de ambos.

— A pintura está linda.

— Não está nem perto de acabada — comentei, conjurando aquela garota que dispensara honrarias e elogios, que quisera passar despercebida. — Ainda está confusa.

Sinceramente, era um de meus melhores trabalhos, mesmo que a falta de

personalidade fosse aparente apenas a mim.

— Acho que todos estamos — apaziguou Tamlin, com um sorriso hesitante.

Segurei a vontade de revirar os olhos e, então, devolvi o sorriso, roçando a mão sobre seu ombro quando passei.

Lucien estava esperando do lado de fora de meu novo quarto quando saí, dez minutos depois.

Levei dois dias para deixar de ir para o antigo — de virar à direita no alto das escadas, e não à esquerda. Mas não havia nada naquele velho quarto.

Olhei ali dentro uma vez, no dia após meu retorno.

Mobília destruída; roupa de cama rasgada; roupas espalhadas, como se ele tivesse me procurado dentro do armário. Ninguém, parecia, tivera permissão de limpar.

Mas eram as gavinhas — os espinhos — que o tornavam inabitável. Meu antigo quarto fora tomado por elas. As gavinhas se curvavam e serpenteavam sobre as paredes, enroscando-se entre os escombros. Como se tivessem rastejado para fora das treliças sob minhas janelas, como se cem anos tivessem se passado, e não meses.

Aquele quarto era agora uma tumba.

Segurei a macia saia rosa do vestido esvoaçante com uma das mãos e fechei a porta do quarto ao sair. Lucien permaneceu encostado à porta diante da minha.

Seu quarto.

Não duvidei de que Lucien tivesse se assegurado de que eu agora ficaria diante dele. Não duvidei de que o olho de metal que Lucien possuía sempre estivesse voltado para meus aposentos, mesmo enquanto ele dormia.

— Fico surpreso por estar tão calma, considerando suas promessas em Hybern — disse Lucien, à guisa de cumprimento.

A promessa de matar as rainhas humanas, o rei de Hybern, Jurian e Ianthe pelo que fizeram a minhas irmãs. A meus amigos.

— Você mesmo disse que Ianthe teve seus motivos. Por mais que eu esteja furiosa, posso ouvi-la.

Não contei a Lucien o que sabia a respeito da verdadeira natureza da sacerdotisa. Significaria explicar que Rhys a expulsara de sua casa, que Rhys o fizera para defender a si e aos membros da própria corte, e levantaria perguntas demais, arruinaria muitas mentiras cuidadosamente fabricadas e que mantinham Rhys e sua corte — *minha* corte — em segurança.

Embora eu tivesse me perguntado se, depois de Velaris, era sequer necessário. Nossos inimigos sabiam sobre a cidade, sabiam que era um lugar de bondade e paz. E haviam tentado destruí-la à primeira oportunidade.

A culpa pelo ataque a Velaris depois que Rhys a revelou àquelas rainhas humanas me assombraria pelo resto de nossa vida imortal.

— Ela vai inventar a história que você quiser ouvir — avisou Lucien.

Dei de ombros, caminhando pelo corredor acarpetado vazio.

— Posso decidir sozinha. Embora pareça que você já escolheu não acreditar nela.

Lucien passou a caminhar a meu lado.

— Ela envolveu duas mulheres inocentes nessa história.

— Estava trabalhando para se assegurar de que a aliança com Hybern se mantivesse firme.

Lucien me parou com a mão em meu cotovelo.

Permiti porque *não* permitir, atravessar da forma como fiz no bosque meses antes ou usar uma manobra defensiva illyriana para derrubar Lucien de bunda no chão, destruiria meu disfarce.

— Você é mais inteligente que isso.

Observei a mão grande e bronzeada que envolvia meu cotovelo. Então, encarei um olho avermelhado e outro dourado agitando-se.

— Onde ele a está mantendo? — sussurrou Lucien.

Eu sabia de quem ele falava.

Sacudi a cabeça.

— Não sei. Rhysand tem centenas de lugares onde poderiam estar, mas duvido de que use algum para esconder Elain, sabendo que os conheço.

— Conte mesmo assim. Liste todos eles.

— Vai morrer assim que puser os pés no território dele.

— Sobrevivi muito bem quando a encontrei.



— Não conseguiu ver que ele me mantinha em transe. Você o deixou me levar de volta. — Mentira, mentira, mentira.

Mas a mágoa e a culpa que eu esperava não estavam ali. Lucien vagorosamente soltou a mão.

— Preciso encontrá-la.

— Você nem mesmo conhece Elain. O laço da parceria é apenas uma reação física sobrepujando seu bom senso.

— Foi isso que fez com você e Rhys?

Uma pergunta em voz baixa, perigosa. Mas obriguei o medo a tomar meus olhos, me permiti trazer à tona lembranças da Tecelã, do Entalhador, do Verme de Middengard, para que o antigo terror encharcasse meu cheiro.

— Não quero falar sobre isso — avisei, e minha voz parecia áspera e hesitante.

Um relógio soou no andar principal. Fiz uma oração silenciosa em agradecimento à Mãe e segui com passadas rápidas.

— Nós nos atrasaremos.

Lucien assentiu. Mas senti o olhar em minhas costas, fixo em minha coluna, conforme descí as escadas. Para ver Ianthe.

E por fim decidir como eu a dilaceraria.



A Grã-Sacerdotisa tinha exatamente a aparência de que eu me lembrava, tanto naquelas memórias que Rhys me mostrou quanto nos devaneios em que eu usava as garras escondidas sob minhas unhas para lhe arrancar os olhos, então a língua e, depois, abrir sua garganta.

Meu ódio se tornara algo vivo no peito, uma batida ecoante do coração, que me embalava ao sono e me despertava. Eu o acalmei ao encarar Ianthe do outro lado da formal mesa de jantar, Tamlin e Lucien a meu lado.

Ela ainda usava o capuz pálido e a tiara prateada, incrustada com a límpida pedra azul.

Como um Sifão; a joia no centro me lembrava os Sifões de Azriel e Cassian. E me perguntei se, como com os guerreiros illyrianos, a joia

ajudava de alguma forma a moldar um dom indomável de magia em algo mais lapidado, mais mortal. Ianthe nunca a removia — mas eu jamais vira a sacerdotisa conjurar um poder maior que acender uma bola de luz feérica no salão.

A Grã-Sacerdotisa abaixou os olhos azuis-esverdeados para a mesa de madeira escura, e o capuz projetou sombras no rosto perfeito.

— Quero começar dizendo o quanto estou arrependida. Agi movida por um desejo de... lhe conceder o que eu acreditava ser seu anseio inconfessável, enquanto, ao mesmo tempo, mantinha nossos aliados em Hybern satisfeitos com a aliança.

Mentiras belas e envenenadas. Mas descobrir seu real motivo... Eu esperei por essa reunião por semanas. Passara as últimas fingindo convalescer, fingindo me *curar* dos horrores a que sobrevivi nas mãos de Rhysand.

— Por que eu sequer desejaria que minhas irmãs sofressem aquilo? — Minha voz saiu trêmula, fria.

Ianthe ergueu a cabeça, observando meu rosto hesitante, se não um pouco distraído.

— Para que pudesse estar com elas para sempre. E, se Lucien tivesse descoberto que Elain era sua parceira de antemão, teria sido... devastador perceber que só teria algumas décadas.

O som do nome de Elain nos lábios de Ianthe me fez soltar um grunhido. Mas eu o contive, recorrendo àquela máscara de silêncio doloroso, a mais recente em meu arsenal.

— Se espera gratidão, esperará por um bom tempo, Ianthe — respondeu Lucien.

Tamlin lançou-lhe um olhar de aviso — tanto pelas palavras quanto pelo tom. Talvez Lucien matasse Ianthe antes que eu tivesse a chance, apenas pelo horror que ela fez sua parceira sofrer naquele dia.

— Não — sussurrou Ianthe, de olhos arregalados, a imagem perfeita do remorso e da culpa. — Não, não espero gratidão alguma. Ou perdão. Mas compreensão... Este também é meu lar. — Ela ergueu a mão fina adornada por anéis e braceletes prateados a fim de gesticular para a sala, para a

mansão. — Todos precisamos de alianças que jamais nos acreditaríamos capazes de forjar... talvez desagradáveis, sim, mas... a força de Hybern é grande demais para ser contida. Agora só se pode esperar que passe, como qualquer tempestade. — Ianthe olhou na direção de Tamlin. — Trabalhamos tão arduamente a fim de nos preparar para a chegada inevitável de Hybern, todos esses meses. Cometi um erro grave e sempre me arrependerei de qualquer dor que tenha causado, mas vamos continuar esse bom trabalho juntos. Encontraremos uma forma de garantir que nossas terras e nossa gente sobrevivam.

— Ao custo de quantas outras vidas? — indagou Lucien.

De novo, aquele olhar de aviso de Tamlin. Mas Lucien o ignorou.

— O que vi em Hybern — falou Lucien, segurando os braços da cadeira com tanta força que a madeira entalhada rangeu. — Qualquer promessa que ele tenha feito de paz e imunidade... — Lucien hesitou, como se lembrasse de que Ianthe poderia muito bem dar aquela informação ao rei. Ele afrouxou a mão sobre a cadeira, os longos dedos se flexionaram antes de se apoiarem nos braços novamente. — Precisamos tomar cuidado.

— Tomaremos — prometeu Tamlin. — Mas já concordamos com certas condições. Sacrifícios. Se nos separarmos agora... mesmo com Hybern como aliada, precisamos apresentar uma frente sólida. Juntos.

Tamlin ainda confiava em Ianthe. Ainda achava que ela simplesmente fizera uma escolha ruim. Não fazia ideia do que espreitava sob a beleza, as roupas e os encantamentos devotos.

Mas, por outro lado, a mesma cegueira o impedia de perceber o que espreitava sob minha pele também. Ianthe fez outra reverência com a cabeça.

— Tentarei ser digna de meus amigos.

Lucien pareceu tentar com muito, muito afinco não revirar os olhos.

— Todos tentaremos — disse Tamlin, no entanto.

Essa era a nova palavra preferida de Tamlin: *tentar*.

Apenas engoli em seco, certificando-me de que Tamlin ouvisse, e assenti lentamente, mantendo os olhos em Ianthe.

— Jamais faça algo assim de novo.

A ordem de uma tola; uma que ela esperava que eu desse, pela rapidez com que assentiu. Lucien se recostou no assento, recusando-se a dizer mais.

— Mas Lucien está certo — disparei, a imagem da preocupação. — O que será do povo desta corte durante o conflito? — Franzi a testa para Tamlin. — Eles foram brutalizados por Amarantha, não tenho certeza de o quanto suportarão viver ao lado de Hybern. Já sofreram o suficiente.

Tamlin contraiu o maxilar.

— Hybern prometeu que nosso povo permanecerá intocado e imperturbado. — *Nosso* povo. Quase fiz uma careta, mesmo quando assenti de novo, em compreensão. — Foi parte de nosso acordo. — Quando Tamlin vendeu Prythian inteira, vendeu tudo decente e bom em si mesmo para me *recuperar*. — Nosso povo estará seguro quando Hybern chegar. Embora eu tenha enviado a mensagem de que famílias deveriam... se realocar para a parte leste do território. Por enquanto.

Que bom. Pelo menos ele considerara as vítimas potenciais — pelo menos se importava com seu povo, entendia que tipo de jogos doentios Hybern gostava de fazer e que poderia jurar uma coisa, mas querer dizer outra. Se já estava movendo aqueles em maior risco durante o conflito para longe do caminho... Tornava meu trabalho ali mais fácil. E o leste... um trecho de informação que guardei. Se o leste era seguro, então o oeste... Hybern de fato viria por aquela direção. Chegaria por ali.

Tamlin suspirou.

— Isso me leva ao outro motivo desta reunião.

Eu me preparei, forçando uma expressão de curiosidade distraída, enquanto Tamlin declarava:

— A primeira delegação de Hybern chega amanhã. — A pele dourada de Lucien empalideceu. Tamlin acrescentou: — Jurian estará aqui ao meio-dia.

## CAPÍTULO 2



Mal ouvira um sussurro sobre Jurian nas últimas semanas; não via o comandante humano ressuscitado desde aquela noite em Hybern.

Jurian renascera por meio do Caldeirão, usando os restos mortais pavorosos que Amarantha guardou como troféus durante quinhentos anos, a alma estava presa e consciente dentro do próprio olho, conservado por magia. Estava louco; havia ficado louco muito antes de o rei de Hybern tê-lo ressuscitado para que liderasse as rainhas humanas em um caminho de submissão ignorante.

Tamlin e Lucien deviam saber. Deviam ter visto aquele brilho nos olhos de Jurian.

Mas... eles também não pareciam se importar que o rei de Hybern possuísse o Caldeirão... que o artefato fosse capaz de dividir aquele mundo em pedaços. Começando com a muralha. A única coisa entre os exércitos feéricos letais que se reuniam e as vulneráveis terras humanas abaixo.

Não, essa ameaça certamente não parecia manter Lucien ou Tamlin acordados à noite. Ou impedi-los de convidar tais monstros para dentro de casa.

Tamlin prometera, quando retornei, que eu seria incluída no

planejamento, em todas as reuniões. E foi fiel à palavra quando explicou que Jurian chegaria com outros dois comandantes de Hybern, e que eu estaria presente quando isso acontecesse. De fato, desejavam avaliar a muralha, testá-la em busca do ponto perfeito no qual atacar quando o Caldeirão recuperasse a força.

Transformar minhas irmãs em feéricas, aparentemente, exaurira o artefato.

Meu orgulho desse fato teve vida curta.

Minha primeira tarefa: descobrir onde planejavam atacar, e de quanto tempo o Caldeirão precisaria para recuperar a força total. Depois, passar essa informação para Rhysand e os demais.

Dei mais atenção a minhas roupas no dia seguinte, depois de dormir bem graças a um jantar com uma Ianthe cheia de culpa, que se excedeu ao bajular Lucien e eu. A sacerdotisa aparentemente desejava esperar até que os comandantes de Hybern estivessem acomodados antes de aparecer. Ela cantarolou algo a respeito de querer se assegurar de que teriam a chance de nos conhecer antes de se intrometer, mas um olhar para Lucien me disse que ele e eu, pela primeira vez, concordávamos: Ianthe provavelmente planejara algum tipo de entrada majestosa.

Fazia pouca diferença para mim — para meus planos.

Planos que mandei pelo laço da parceria na manhã seguinte, palavras e imagens seguindo aos tropeços por um corredor envolto em noite.

Não ousava arriscar usar o laço com muita frequência. Tinha me comunicado com Rhysand apenas uma vez desde que havia chegado. Apenas uma vez, nas horas depois de entrar em meu antigo quarto e ver os espinhos que o haviam tomado.

Fora como gritar de uma enorme distância, como falar debaixo d'água. *Estou a salvo e bem*, disparei pelo laço. *Contarei o que sei em breve*. Esperei, deixando que as palavras viajassem pela escuridão. Então, perguntei: *Estão vivos? Feridos?*

Não me lembrava de ser tão difícil de ouvir pelo laço entre nós, mesmo enquanto morava nesta mansão e Rhysand o utilizava para ver se eu ainda respirava, para se certificar de que meu desespero não tinha me engolido por

inteira.

Mas a resposta de Rhysand viera um minuto depois. *Amo você. Eles estão vivos. Estão se curando.*

Apenas isso. Como se fosse tudo o que ele conseguisse dizer.

Caminhei de volta a meus novos aposentos, tranquei a porta e envolvi o lugar inteiro em uma parede de ar espesso, a fim de evitar que qualquer cheiro de minhas lágrimas silenciosas escapasse enquanto me aninhei em um canto do banheiro.

Certa vez me acomodei naquela posição, observando as estrelas durante as longas e desoladoras horas da noite. Agora observava o céu azul sem nuvens além da janela aberta, ouvia os pássaros cantando uns para os outros e tinha vontade de rugir.

Não ousara pedir mais detalhes sobre Cassian e Azriel... ou sobre minhas irmãs. Apavorada por saber o quanto tinha sido ruim... e o que eu faria se a cura não vingasse. O que eu lançaria sobre aquelas pessoas.

Curando-se. Vivos e curando-se. Eu me lembrava disso todos os dias.

Mesmo quando ainda ouvia seus gritos, cheirava seu sangue.

Mas não pedi por mais. Não arrisquei tocar o laço além daquela primeira vez.

Não sabia se alguém podia monitorar tais coisas — as mensagens silenciosas entre parceiros. Não quando se podia sentir o cheiro do laço da parceria e eu jogava um jogo muito perigoso com ele.

Todos acreditaram que fora cortado, que o cheiro permanente de Rhys se deveria ao fato de ele ter me forçado, ter plantado aquele cheiro em mim.

Acreditavam que, com o tempo, com a distância, o cheiro se dissiparia. Semanas ou meses, provavelmente.

E, quando não se dissipasse, quando permanecesse... Então eu precisaria atacar, com ou sem a informação de que precisava.

Mas com a possibilidade de que a comunicação pelo laço mantivesse o cheiro mais forte... Eu precisava minimizar o quanto o usava. Mesmo que não falar com Rhys, não ouvir aquele tom divertido e perspicaz... Eu ouviria essas coisas de novo, prometi a mim mesma diversas vezes. Veria aquele sorriso sarcástico.

E estava novamente pensando no quanto aquele rosto parecera magoado da última vez que o vi, pensando em Rhys coberto pelo sangue de Azriel e de Cassian, quando Jurian e os dois comandantes de Hybern atravessaram para o cascalho da entrada no dia seguinte.

Jurian usava a mesma armadura leve de couro, os cabelos castanhos voavam sobre o rosto à brisa forte da primavera. Ele nos viu de pé nos degraus de mármore branco dentro da casa, e sua boca se contraiu com aquele sorriso torto e arrogante.

Impulsionei gelo para minhas veias, o frio de uma corte na qual jamais pusera os pés. Mas empunhava o dom de seu mestre sobre mim, transformando o ódio incandescente em calma gélida conforme Jurian caminhava com altivez até nós, com uma das mãos no cabo da espada.

Mas foram os dois comandantes — um macho, outro, fêmea — que fizeram uma pontada de medo verdadeiro deslizar para meu coração.

Tinham aparência de Grão-Feéricos, a pele exibia o mesmo tom rosado, e os cabelos traziam o mesmo tom de nanquim de seu rei. Mas eram as expressões vazias, sem sentimentos, que capturavam a atenção. Uma falta de emoção aperfeiçoada por milênios de crueldade.

Tamlin e Lucien ficaram rígidos quando Jurian parou ao pé das escadas curvas da entrada. O comandante humano deu um risinho.

— Você está parecendo melhor que da última vez que a vi.

Voltei meus olhos para os dele. E não disse nada.

Jurian riu com escárnio e gesticulou para que os dois comandantes avançassem.

— Deixem-me apresentar Suas Altezas príncipe Dagdan e princesa Brannagh, sobrinho e sobrinha do rei de Hybern.

Gêmeos; talvez ligados pelo poder e por laços mentais também.

Tamlin pareceu se lembrar de que aqueles eram agora seus aliados, e marchou escada abaixo. Lucien o seguiu.

Ele nos entregou. Entregou Prythian... por mim. Para me recuperar.

Fumaça espiralou dentro de minha boca. Desejei que o gelo a preenchesse de novo.

Tamlin inclinou a cabeça para o príncipe e a princesa.



— Bem-vindos a meu lar. Preparamos quartos para todos vocês.

— Meu irmão e eu ocuparemos um quarto juntos — disse a princesa. A voz era enganosamente leve, quase de uma garota. A total falta de sentimentos e a completa autoridade eram tudo menos isso.

Eu praticamente conseguia sentir a observação irônica que fervilhava dentro de Lucien. Mas desci um degrau e falei, no papel da senhora da casa que aquelas pessoas, que Tamlin, certa vez esperavam me ver alegremente preencher:

— Podemos facilmente fazer os ajustes necessários.

O olho de metal de Lucien se virou e se semicerrou para mim, mas mantive o rosto impassível quando fiz uma reverência para eles. Para meus inimigos. Qual de meus amigos os enfrentaria no campo de batalha?

Será que Cassian e Azriel já estariam bem o bastante para lutar, ou sequer empunhar uma espada? Não me permiti pensar nisso... em como Cassian tinha gritado quando suas asas foram destroçadas.

A princesa Brannagh me observou: o vestido cor-de-rosa, os cabelos que Alis tinha cacheado e trançado no alto da cabeça, formando uma tiara, as pérolas de um rosa-pálido nas orelhas.

Um pacote inofensivo e adorável, perfeito para que um Grão-Senhor montasse sempre que quisesse.

O lábio de Brannagh se retraiu quando ela olhou para o irmão. O príncipe pensou o mesmo, a julgar pelo riso de escárnio em resposta.

Tamlin grunhiu baixinho em aviso.

— Se já terminaram de olhar para ela, talvez possamos tratar dos negócios entre nós.

Jurian soltou uma risadinha baixa e subiu as escadas sem ter recebido licença para fazê-lo.

— Estão curiosos. — Lucien se enrijeceu diante da falta de decoro do gesto, das palavras. — Não é todo século que a contestação da posse de uma fêmea inicia uma guerra. Principalmente uma fêmea com tais... talentos.

Apenas girei sobre um dos calcanhares e o segui degraus acima.

— Talvez, se você tivesse se incomodado em ir à guerra por Miryam, ela não o teria deixado pelo príncipe Drakon.

Um tremor pareceu percorrer Jurian. Tamlin e Lucien ficaram tensos a minhas costas, divididos entre monitorar nossa conversa e escoltar os dois membros da realeza de Hybern para dentro da casa. Devido a minha explicação de que Azriel e sua rede de espões eram bem treinados, tínhamos dispensado quaisquer criados desnecessários, cautelosos a respeito de ouvidos e olhos à espreita. Apenas os de maior confiança permaneciam.

É claro que me esqueci de mencionar que Azriel chamara os próprios espões de volta semanas antes, pois a informação não valia o custo de suas vidas. Ou que servia a *meus* propósitos ter menos pessoas me observando.

Jurian parou no alto das escadas, o rosto parecendo uma máscara de morte cruel conforme eu tomei os últimos degraus até ele.

— Cuidado com o que diz, menina.

Sorri, passando alegremente por Jurian.

— Ou o quê? Vai me jogar no Caldeirão?

Caminhei por entre as portas de entrada, desviando da mesa no hall, seu alto vaso de flores se curvando para encontrar o lustre de cristal.

Bem ali, a apenas alguns metros, eu tinha desabado em uma bola de terror e desespero tantos meses antes. Bem ali, no centro do saguão da entrada, Mor me pegou e me carregou para fora daquela casa, para a liberdade.

— Eis a primeira regra desta visita — avisei a Jurian, por cima do ombro, conforme segui para a sala de jantar, onde o almoço esperava. — Não me ameace em minha casa.

A imposição, eu soube um momento depois, deu certo.

Não com Jurian, que me olhou com ódio conforme tomou seu lugar à mesa.

Mas com Tamlin, que acariciou minha bochecha com o dorso de um dedo quando passou, alheio ao meu cuidado na escolha das palavras, a como armei para que Jurian me servisse a oportunidade em uma bandeja.

Esse era meu primeiro passo: fazer Tamlin acreditar, acreditar de verdade, que eu o amava, e também aquele lugar, todos ali.

Para que não suspeitasse quando eu os voltasse uns contra os outros.



O príncipe Dagdan cedia a todos os desejos e ordens da irmã gêmea. Como se fosse a lâmina que ela empunhava para cortar o mundo.

Dagdan lhe servia as bebidas, cheirando-as primeiro. Seleccionava os melhores cortes de carne das bandejas, e os arrumava ordenadamente no prato dela. Sempre deixava a irmã responder, e nunca, sequer olhava para Brannagh com dúvida nos olhos.

Uma alma em dois corpos. E pela forma como se olhavam em conversas silenciosas, me perguntei se talvez não seriam... talvez como eu. *Daemati*.

Meus escudos mentais eram uma parede adamantina negra desde que tinha chegado. Mas, enquanto comíamos, com trechos de silêncio se estendendo mais que conversas, me peguei verificando-os diversas vezes.

— Partiremos para a muralha amanhã — dizia Brannagh para Tamlin. Mais uma ordem que um pedido. — Jurian nos acompanhará. Requisitamos o uso de sentinelas que saibam onde estão os buracos.

Ao pensar neles tão próximos de terras humanas... Mas minhas irmãs não estavam em casa. Não, minhas irmãs estavam em algum lugar no amplo território de minha corte, protegidas por meus amigos. Mesmo que meu pai retornasse da viagem de negócios ao continente em um ou dois meses. Ainda não tinha decidido como contaria a ele.

— Lucien e eu podemos escoltá-los — sugeri.

Tamlin virou a cabeça para mim. Esperei pela recusa, pela proibição.

Mas pareceu que o Grão-Senhor tinha, de fato, aprendido a lição, estava, de fato, disposto a *tentar*, quando simplesmente apontou para - Lucien.

— Meu emissário conhece a muralha tão bem quanto qualquer sentinela.

*Você o está permitindo; está racionalmente permitindo que derrubem a muralha e cacem humanos do outro lado.* As palavras se enroscaram e chiaram dentro de minha boca.

Mas me obriguei a enviar a Tamlin um aceno lento, talvez levemente insatisfeito. Ele sabia que eu jamais ficaria feliz com aquilo — a garota que

Tamlin acreditava lhe ter sido devolvida sempre procuraria proteger a mortal terra natal. No entanto, julgou que eu suportaria aquilo por ele, por nós. Que Hybern não se banquetearia com humanos depois que a muralha caísse. Que simplesmente os absorveríamos em nosso território.

— Partiremos depois do café da manhã — avisei à princesa. E acrescentei a Tamlin: — Com algumas sentinelas também.

Seus ombros relaxaram ao ouvir isso. Eu me perguntei se Tamlin soubera como eu havia defendido Velaris. Como eu protegi o Arco-Íris contra uma legião de bestas feito o Attor. Como eu matara o Attor, brutal e cruelmente, pelo que ele fizera a mim e aos meus.

Jurian observou Lucien com a franqueza de um guerreiro.

— Sempre me perguntei quem fez esse olho depois que ela o arrancou.

Não falamos de Amarantha aqui. Jamais permitimos sua presença nesta casa. E isso me sufocou durante aqueles meses em que morei na mansão depois de Sob a Montanha; me matou dia após dia ter de abafar bem no fundo aqueles medos e a dor.

Por um segundo, sopesei quem eu tinha sido contra quem eu deveria ser agora. Curando-me lentamente — voltando a ser a garota que Tamlin alimentou e abrigou e amou antes de Amarantha partir meu pescoço depois de três meses de tortura.

Então, me movi na cadeira. Observei a mesa.

Lucien apenas lançou um olhar ríspido para Jurian enquanto os dois membros da realeza de Hybern observavam com indiferença.

— Tenho uma velha amiga na Corte Crepuscular. É habilidosa com funilaria, com misturar magia e máquinas. Tamlin conseguiu que o fizesse para mim sob grande risco.

Jurian deu um sorriso odioso.

— Sua parceirinha tem uma rival?

— Minha parceira não é de sua conta.

Jurian deu de ombros.

— Também não deveria ser da sua, considerando que a esta altura provavelmente metade do exército illyriano trepou com ela.

Eu tinha quase certeza de que apenas séculos de treinamento evitaram

que Lucien saltasse por cima da mesa e cortasse o pescoço de Jurian.

Mas foi o grunhido de Tamlin que chacoalhou as taças.

— Você vai se comportar como um convidado decente, Jurian, ou dormirá nos estábulos, como as outras bestas.

Jurian apenas bebericou do vinho.

— Por que eu deveria ser punido por afirmar a verdade? Nenhum de vocês esteve na Guerra, quando minhas forças se aliaram aos trogloditas illyrianos. — Ele lançou um olhar de esguelha para os dois hybernianos. — Suponho que vocês dois tenham tido o prazer de lutar contra eles.

— Guardamos as asas dos generais e lordes como troféus — disse Dagdan, com um leve sorriso.

Precisei de cada gota de concentração para não olhar para Tamlin. Para não exigir saber onde estavam os dois pares de asas que o pai guardara como troféu depois de assassinar a mãe e a irmã de Rhysand.

Pregadas no escritório, dissera Rhys.

Mas eu não encontrara nenhum traço quando as busquei ao retornar, fingindo uma necessidade de explorar nascida do puro tédio de um dia chuvoso. As adegas também não revelaram nada. Nenhum baú ou caixa ou quartos trancados contendo aquelas asas.

As duas mordidas de cordeiro assado que forcei para dentro se revoltavam contra mim. Mas pelo menos qualquer traço de nojo seria uma reação justa ao que o príncipe de Hybern acabara de alegar.

Jurian de fato sorriu para mim quando cortou o cordeiro em pequenos pedaços.

— Sabe que lutamos juntos, não sabe? Eu e seu Grão-Senhor. Mantivemos a vantagem contra os Legalistas, lutamos lado a lado até que o sangue batesse em nossas canelas.

— Ele não é o Grão-Senhor de Feyre — decretou Tamlin, em tom tranquilo.

— Ele deve ter contado onde escondeu Miryam e Drakon — apenas ronronou Jurian para mim.

— Estão mortos — falei, simplesmente.

— O Caldeirão diz o contrário.

Medo gélido se acomodou em meu estômago. Jurian já havia tentado isso: ressuscitar Miryam por conta própria. E descobrira que ela não estava entre os mortos.

— Fui informada de que estão mortos — repeti, tentando parecer entediada, impaciente. Dei uma mordida no cordeiro, tão insosso em comparação à riqueza de temperos em Velaris. — Achei que tivesse coisas melhores a fazer, Jurian, que ficar obcecado com a amante que o chutou.

Seus olhos brilharam forte, com cinco séculos de loucura, quando Lucien espetou um pedaço de carne no garfo.

— Dizem que você trepava com Rhysand antes de sequer ter chutado seu amante.

— *Basta* — grunhiu Tamlin.

Mas então eu senti. A batida contra minha mente. Vi o plano, claro e simples: nos irritar, nos distrair enquanto os dois silenciosos membros da realeza entravam em nossas mentes.

A minha estava protegida. Mas a de Lucien... A de Tamlin.

Estendi o poder beijado pela noite, projetando-o como uma rede. E encontrei dois tendões oleosos lancinando as mentes de Lucien e de Tamlin, como se fossem, de fato, lanças arremessadas pelo outro lado da mesa.

Golpeei. Dagdan e Brannagh se sobressaltaram nos assentos, como se eu tivesse lhes golpeado fisicamente, enquanto os poderes se chocaram contra uma barreira de adamantino preto em torno das mentes de Lucien e de Tamlin.

Eles lançaram os olhos escuros em minha direção. Encarei cada um dos dois.

— O que foi? — perguntou Tamlin, e percebi como havia ficado silencioso.

Fiz questão de franzir a testa, confusa.

— Nada. — Ofereci um sorriso doce para os dois hybernianos. — Vossas Altezas devem estar cansadas depois de uma jornada tão longa.

E, por precaução, disparei contra suas mentes, encontrando uma muralha de osso branco.

Os dois estremeceram quando raspei garras negras por seus escudos

mentais, fazendo sulcos profundos.

O golpe de aviso me custou uma dor de cabeça fraca, latejante, originada em minhas têmporas. Mas apenas retornei à comida, ignorando o piscar de um olho me lançado por Jurian.

Ninguém falou pelo restante da refeição.

## CAPÍTULO 3



O bosque primaveril caiu em silêncio quando cavalgamos por entre as árvores em botão; os pássaros e as pequenas criaturas peludas buscaram abrigo muito antes de passarmos.

Não de mim ou de Lucien ou das três sentinelas a uma distância respeitável na retaguarda. Mas de Jurian e dos dois comandantes de Hybern, que cavalgavam no centro do grupo. Como se fossem tão terríveis quanto o Bogge, os naga.

Chegamos à muralha sem incidentes e sem que Jurian tentasse nos atrair para uma distração. Fiquei a maior parte da noite acordada, projetando minha cautela pela mansão, caçando algum sinal de que Dagdan e Brannagh estivessem usando a influência de daemati em mais alguém. Ainda bem que minha habilidade em quebrar maldições, herdada de Helion Quebrador de Feitiços, Grão-Senhor da Corte Diurna, não detectou amarras ou feitiços, exceto pelas proteções em volta da própria casa, destinadas a impedir alguém de atravessar para dentro ou para fora.

Tamlin estivera tenso durante o café da manhã, mas não me pedira para ficar. Cheguei inclusive a testá-lo, perguntando qual era o problema — ao que Tamlin apenas respondeu, alegando uma dor de cabeça. Lucien



simplesmente lhe deu tapinhas no ombro e prometeu tomar conta de mim. Quase gargalhei das palavras.

Mas o sorriso estava agora longe de meus lábios enquanto a muralha pulsava e latejava, uma presença pesada, terrível, que pairava a quase um quilômetro de distância. Mas de perto... Mesmo nossos cavalos pareciam arredios, virando a cabeça e batendo os cascos na terra coberta de musgo conforme os apeávamos aos galhos baixos de cornáceas em flor.

— A fenda na muralha fica bem ali — dizia Lucien, parecendo tão animado quanto eu por estar em tal companhia. Pisando nas flores cor-de-rosa caídas, Dagdan e Brannagh passaram para o lado do feérico, Jurian saiu serpenteando para avaliar o terreno, as sentinelas permaneceram com as montarias.

Segui Lucien e os hybernianos, mantendo uma distância casual. Sabia que minhas roupas elegantes e requintadas não desviavam a atenção do príncipe e da princesa de que outra daemati agora caminhava a suas costas. Mas, ainda assim, escolhi cuidadosamente o casaco safira bordado e a calça marrom; adornados apenas pela faca e pelo cinto incrustados de joias, dados a mim por Lucien certa vez. Havia uma vida.

— Quem partiu a muralha aqui? — perguntou Brannagh.

Ele analisava o buraco que não conseguíamos ver — a própria muralha era completamente invisível —, mas sentíamos, como se o ar tivesse sido sugado em um ponto.

— Não sabemos — respondeu Lucien, a luz salpicada do sol iluminou o adorno em linha dourada da jaqueta marrom-corça conforme ele cruzava os braços. — Alguns dos buracos simplesmente apareceram ao longo dos séculos. Este mal é largo o bastante para uma pessoa.

Uma troca de olhares entre os gêmeos. Eu me aproximei por trás, observando a falha, a parede em torno da mesma, que fazia cada instinto recuar diante do quanto parecia... *errada*.

— Foi por aqui que entrei... daquela primeira vez.

Lucien assentiu, e os outros dois ergueram as sobrancelhas. Mas me aproximei um passo de Lucien, o braço quase tocando o seu, e o usei como uma barreira. Os gêmeos haviam sido mais cautelosos no café da manhã a

respeito de forçar meus escudos mentais. Mas agora, deixando que me julgassem fisicamente intimidada por eles... Brannagh estudou o quanto eu ficava perto de Lucien; como ele se movia levemente para me proteger também.

Um sorriso sutil e frio lhe deformou os lábios.

— Quantos buracos há na muralha?

— Contamos três ao longo de toda a fronteira — respondeu Lucien ríspidamente. — Mais um ao longo da costa, a cerca de 1,5 quilômetro.

Não deixei que a máscara de frieza hesitasse quando ele forneceu essa informação.

Mas Brannagh sacudiu a cabeça, os cabelos escuros devoraram a luz do sol.

— As entradas marítimas são inúteis. Precisamos quebrá-la em terra.

— O continente certamente também tem trechos.

— Suas rainhas têm um poder ainda mais fraco sobre o povo que vocês — revelou Dagdan. Tomei aquele fragmento de informação, estudando-o.

— Deixaremos que explorem, então — falei, gesticulando para o buraco. — Quando tiverem terminado, cavalgaremos para o seguinte.

— Fica a dois dias daqui — replicou Lucien.

— Então, planejaremos essa excursão — expliquei, simplesmente. Antes que Lucien pudesse discordar, perguntei: — E o terceiro buraco?

Lucien bateu com o pé contra o chão cheio de musgo, mas falou:

— Fica dois dias além daquele.

Eu me virei para os hybernianos, arqueando uma sobrancelha.

— Vocês dois conseguem atravessar?

Brannagh corou, enrijecendo o corpo. Mas foi Dagdan quem admitiu:

— Eu consigo. — Ele devia ter carregado tanto Brannagh quanto Jurian quando chegaram. Então, Dagdan acrescentou: — Apenas alguns quilômetros se carregar outros.

Simplesmente assenti e fui na direção de um emaranhado de cornáceas baixas; Lucien me seguiu de perto. Quando não restava nada além do farfalhar de flores rosa e a luz do sol projetando-se em falhas pelo emaranhado de galhos, quando os hybernianos se ocuparam da muralha,

fora da vista e dos ouvidos, eu me sentei em uma rocha lisa e nua.

Lucien se sentou contra uma árvore próxima, cruzando um tornozelo calçado na bota sobre o outro.

— O que quer que esteja planejando, nos mergulhará fundo em merda.

— Não estou planejando nada. — Peguei uma flor caída e a girei entre o polegar e o indicador.

Aquele olho dourado se semicerrou, emitindo um clique baixo.

— O que sequer vê com essa coisa?

Ele não respondeu.

Joguei a flor no musgo macio entre nós.

— Não confia em mim? Depois de tudo por que passamos?

Lucien franziu a testa para a flor jogada, mas, mesmo assim, não disse nada.

Eu me ocupei de organizar minha bolsa até encontrar o cantil de água.

— Se estivesse vivo na Guerra — perguntei a Lucien, tomando um gole —, teria lutado ao lado deles? Ou lutado pelos humanos?

— Eu teria sido parte da aliança humano-feérica.

— Mesmo que seu pai não o fosse?

— Principalmente se meu pai não o fosse.

Mas Beron tinha sido parte daquela aliança, se eu me lembrava bem das lições com Rhys tantos meses antes.

— E, mesmo assim, aqui está, pronto para marchar com Hybern.

— Fiz isso por você também, sabe? — Palavras frias, ríspidas. — Fui com ele buscá-la.

— Jamais percebi como a culpa é uma motivação poderosa.

— Naquele dia que você... se foi — disse ele, lutando para evitar aquela outra palavra: *partiu*. — Cheguei antes de Tamlin na mansão, recebi a mensagem quando estávamos na fronteira, e corri até aqui. Mas o único traço seu era aquele anel, derretido entre as pedras da sala. Eu me liberei da joia um momento antes de Tamlin chegar em casa e vê-la.

Uma frase de sonda, cautelosa. Sobre os fatos que apontavam não para uma abdução.

— Eles o derreteram de meu dedo — menti.

Lucien engoliu em seco e apenas sacudiu a cabeça, a luz do sol filtrada pelo dossel da floresta fez o vermelho-âmbar dos cabelos faiscar.

Ficamos sentados em silêncio durante minutos. Pelo farfalhar e os murmúrios, os hybernianos estavam terminando, e me preparei, calculando as palavras que precisaria usar sem parecer suspeita.

— Obrigada. Por ir até Hybern me buscar — falei, baixinho.

Lucien mexeu no musgo a seu lado, o maxilar trincado.

— Era uma armadilha. O que achei que faríamos lá... não acabaria daquele jeito.

Foi um esforço não exhibir meus dentes. Mas caminhei até Lucien, ocupando um lugar a seu lado contra o amplo tronco da árvore.

— Esta situação é terrível — declarei, e era verdade.

Uma risada baixa de escárnio.

Bati com o joelho contra o dele.

— Não se deixe levar por Jurian. Ele está fazendo isso para sentir as fraquezas entre nós.

— Eu sei.

Virei o rosto para Lucien, apoiando o joelho contra ele em uma exigência silenciosa.

— Por quê? — perguntei. — *Por que* Hybern quer fazer isso, além de algum desejo terrível de conquista? O que o motiva... motiva seu povo? Ódio? Arrogância?

Lucien finalmente me olhou, as peças e os entalhes do olho de metal eram muito mais hipnotizantes de perto.

— Você...

Brannagh e Dagdan irromperam pelos arbustos, franzindo a testa ao nos encontrar ali.

Mas foi Jurian — bem ao encalço de ambos, como se estivesse relatando os detalhes das observações — quem sorriu ao nos ver, joelho contra joelho e quase nariz contra nariz.

— Cuidado, Lucien — aconselhou o guerreiro, com escárnio. — Já viu o que acontece com machos que tocam os pertences do Grão-Senhor.

Lucien grunhiu, mas lancei-lhe um olhar de aviso.